

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL - MG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - ICSA**

LETÍCIA FERREIRA GUIDORIZZI FIRMINO

**DINÂMICA DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA:
PRÉ, DURANTE E PÓS PANDEMIA COVID-19**

**VARGINHA-MG
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL - MG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - ICSA**

LETÍCIA FERREIRA GUIDORIZZI FIRMINO

**DINÂMICA DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA:
PRÉ, DURANTE E PÓS PANDEMIA COVID-19**

Trabalho de conclusão de Piepex apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia.

Orientador: Prof. Dra. Alinne Alvim Franchini

**VARGINHA-MG
2025**

RESUMO

A balança comercial é um dos principais indicadores macroeconômicos utilizados para aferir o desempenho das trocas comerciais de um país com o restante do mundo, refletindo o saldo entre exportações e importações de bens (tangíveis) .O presente trabalho busca apresentar os impactos da crise sanitária da Covid-19 na balança comercial brasileira, com foco nos setores econômicos de Transformação, Agropecuário e Extrativista, além da análise dos efeitos junto aos principais parceiros comerciais do país: China, Estados Unidos, Argentina, União Europeia e países da América do Sul. A análise abrangeu os períodos pré-pandêmico, pandêmico e pós-pandêmico, com ênfase nos anos de 2019, 2020 e 2021. A metodologia adotada neste estudo consistiu em uma pesquisa descritiva, com a análise documental de dados relacionados à balança comercial brasileira, obtidos a partir das principais plataformas oficiais do Governo Federal, bem como de artigos científicos selecionados por meio do Google Acadêmico. Foi possível concluir que, mesmo em um cenário de incertezas na economia mundial, o saldo da balança comercial brasileira manteve-se positivo ao longo dos três anos analisados. Esse resultado deveu-se à retomada econômica da China, ainda em 2020, que impulsionou a demanda por commodities brasileiras, que possui uma parcela significativa das exportações, contribuindo diretamente para o superávit daquele ano.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. CONTEXTO HISTÓRICO	6
3. CRISE QUE ANTECEDEU A PANDEMIA E O PIB BRASILEIRO	7
3.1. Impactos no emprego no Brasil e no Mundo	8
4. BALANÇA COMERCIAL	9
4.1. Volume de exportações e importações mundiais	10
5. BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA PRÉ, DURANTE E PÓS PANDEMIA	11
6. COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES POR SETOR NO BRASIL ENTRE 2012 E 2022	15
6.1. Desempenho das Exportações por setores	15
6.2. Desempenho das importações por setores	18
7. PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NOS ANOS DE 2019, 2020 E 2021	21
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

A balança comercial é um dos principais indicadores macroeconômicos utilizados para medir o desempenho das transações comerciais de um país com o restante do mundo. Diante da diferença entre exportações e importações, caso o saldo do resultado seja positivo, tem-se o que é chamado de superávit, e caso seja negativo, acontece o déficit.

Para uma boa condução de uma economia, muitas das vezes, é desejável que a balança comercial mantenha um saldo positivo em determinado período, ou seja, que o resultado alcance o superávit. Setores-chave da economia brasileira, como o agronegócio e a mineração, exercem papel fundamental na sustentação da balança comercial do país, contribuindo significativamente para a geração de divisas, renda e empregos. No caso do Brasil, a balança comercial tem historicamente desempenhado um papel estratégico ao refletir o desempenho desses segmentos e sua relevância para a economia nacional.

O advento da pandemia da COVID-19, a partir do início de 2020, desencadeou uma série de choques econômicos globais, afetando intensamente os fluxos comerciais internacionais. No cenário brasileiro, os efeitos da crise sanitária foram complexos e multifacetados, impactando não apenas a demanda externa por produtos nacionais, mas também a estrutura da cadeia de suprimentos, os custos logísticos e os padrões de consumo doméstico.

Este artigo propõe-se a analisar a evolução da balança comercial brasileira sob três perspectivas temporais distintas: o período pré-pandemia (até 2019), o período de crise aguda (2020–2021) e a fase de recuperação pós-pandemia (a partir de 2022). Posto isso, a estrutura do texto é dividida em seis seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresenta-se o contexto das crises econômicas e sanitárias que impactaram a economia mundial em diferentes períodos da história. A segunda seção aborda a crise econômica que antecedeu a pandemia da Covid-19 e os impactos nas variáveis macroeconômicas do PIB e emprego no Brasil e no mundo. Na terceira seção, é discutido sobre o conceito de balança comercial de uma forma ampla. Já na quarta seção, é apresentado os resultados da balança comercial brasileira no pré, durante e pós pandemia. Na quinta seção, o trabalho traz informações relacionadas às exportações e importações por setores no Brasil. Por último, na sexta seção, é

detalhado o resultado da balança comercial brasileira em confronto com as transações de exportações e importações com os principais países parceiros comerciais.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Ao longo da história, o mundo sofreu com diversas crises que abalaram o sistema econômico. De acordo com Costa (2019), as crises econômicas tendem a acontecer em períodos de retração da atividade econômica ou em momentos em que o ciclo econômico muda de direção, marcando o fim da fase de crescimento, e dependendo da gravidade dos efeitos, essas mudanças podem comprometer não somente economias isoladas, mas como também a economia mundial. Como ocorreu com as duas principais grandes crises econômicas mundiais, a Grande Depressão de 1929 e a Crise Financeira Global de 2008, ambas com origem nos Estados Unidos e que, em seguida, se espalharam por toda a economia mundial (COSTA, 2019).

Porém outro motivo que afetou fortemente o sistema foram as pandemias mundiais que ceifaram milhares de vidas e enfraqueceram economicamente os países envolvidos. Destacando-se a Peste Negra (1347–1351), Gripe Espanhola (1918–1919), Gripe Suína (H1N1, 2009–2010) e mais recente, COVID-19 (2019–2023). Embora tenham ocorrido outras pandemias que abalaram historicamente a economia, não havia ocorrido ainda um impacto tão rigoroso quanto aquele provocado pela pandemia do COVID-19, na economia mundial, em um cenário em que as economias dos países estão mais interconectadas (TRACE, 2020).

Com o seu início em dezembro de 2019, o mundo deparou-se com uma das crises sanitárias e humanitárias mais mortais da história. O epicentro da crise respiratória do SARS-CoV-2 teve seu início na cidade de Wuhan, na China. Com o número alto de contágios, rapidamente o vírus se espalhou em escala mundial e, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu um comunicado, anunciando a COVID-19 como uma pandemia mundial (OPAS,2020).

O impacto da nova pandemia atingiu não só a saúde pública mas também a economia do mundo todo, onde os países se viram obrigados a tomar providências para diminuir o contágio, uma vez que o número de mortes crescia

significativamente. Com isso, ações foram tomadas para mitigar os efeitos da crise sanitária, a quarentena, o distanciamento social e fechamento de fronteiras terrestres, aéreas e marítimas tornaram-se parte do plano dos governantes para tentar diminuir o contágio do vírus.

3. CRISE QUE ANTECEDEU A PANDEMIA E O PIB BRASILEIRO

Antes da pandemia do covid-19, o Brasil já se encontrava em um cenário de fragilidade econômica. Entre os anos de 2014 a 2016, o país sofreu com uma recessão, com queda do nível de atividade econômica e do nível de emprego, acompanhado de processo inflacionário. Segundo o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE), o Brasil caiu cerca de 8,1% entre 2014 e 2016, apresentando um pequeno aumento nos anos seguintes, 1,3% em 2017 e 1,8% em 2018 (FGV IBRE, 2021). Ainda na linha do pequeno crescimento, no ano de 2019, o PIB brasileiro cresceu apenas 1,4% e mostrava expectativas positivas para o início de 2020. A possibilidade de recuperação, no entanto, foi comprometida com o início da crise da Covid-19, que levou o país a enfrentar mais uma recessão, despertando entre os especialistas preocupações quanto aos impactos tanto de curto quanto de longo prazo (FGV IBRE, 2021).

De acordo com Silva e Silva (2020), diante da incerteza sobre as consequências que essa nova doença traria à população e da ausência de uma vacina para controlar o contágio, tornou-se necessário paralisar atividades que dependiam da interação entre indivíduos. Como resultado, grande parte da população e dos setores econômicos foi obrigada a interromper suas atividades e aguardar medidas por parte das autoridades. Porém, à medida que as implementações de contenção foram tomadas, a produção econômica global sofreu uma desaceleração drástica. (SILVA; SILVA, 2020).

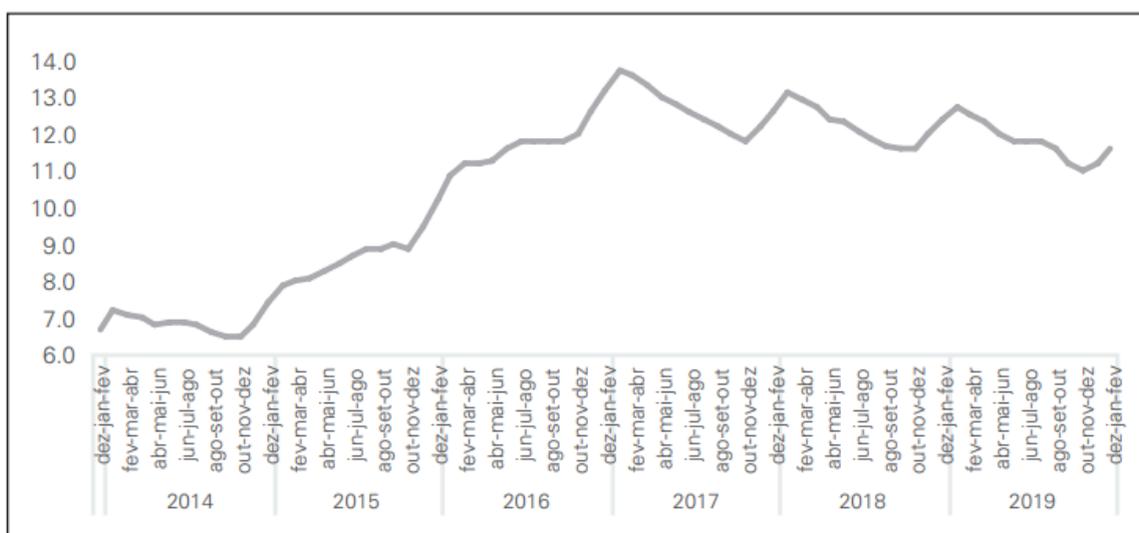
Com setores inteiramente atingidos, em que em primeira instância apenas estabelecimentos tidos como essenciais continuaram em funcionamento, houve a queda significativa do Produto Interno Bruto (PIB). De acordo com o Sistema de Contas Nacionais (SCN), o PIB brasileiro teve uma queda de 3,3%, após crescer 1,2% em 2019, em valores correntes, o PIB foi de R\$7,6 trilhões e o PIB per capita, de R\$35.935,74 (AGÊNCIA IBGE, 2022).

No cenário internacional, o Fundo Monetário Internacional (FMI) apontou que a economia global também foi fortemente afetada pelas medidas emergenciais adotadas para conter a pandemia. Como resultado, o PIB mundial apresentou uma retração de 3,1% em 2020, voltando a crescer apenas em 2021 (WORLD BANK, 2020).

3.1. Impactos no emprego no Brasil e no Mundo

A crise sanitária trouxe também resultados negativos para o mercado de trabalho, que já não estava em um cenário muito favorável e já pedia uma atenção redobrada. No Brasil, com a eclosão da pandemia, tornou-se mais grave a situação da economia, que ainda não tinha se recuperado da grande queda ocorrida entre os anos de 2014 e 2017. De acordo com Mattei e Heinen (2020), no início da crise, a taxa de desemprego flutuava ao redor de 7% e atingiu o seu ápice no final de 2016 quando alcançou níveis superiores a 13%, registrando um número histórico de 13 milhões de pessoas desempregadas no Brasil, índices que superaram até mesmo os da crise de 1990, marcada por uma forte elevação nas taxas de desemprego.

Gráfico 1: Taxa de desocupação no Brasil (%), trimestres móveis entre dezembro de 2013 e fevereiro de 2020.



Fonte: (Mattei;Heinen 2020).

Apesar de ter apresentado uma pequena melhora nos anos seguintes, foi possível notar que o panorama permaneceu praticamente inalterado, pois nos primeiros meses de 2020 o índice de desemprego continuou alto, marcando 11,6%, o que representava uma redução de 1,4% em relação ao valor registrado em 2017 (Mattei;Heinen 2020.) Portanto, os impactos da crise da COVID-19 agravaram ainda mais os cenários negativos que o país já se encontrava.

Como esperado, durante a pandemia, o número de desempregados aumentou. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE, a taxa de desemprego no primeiro trimestre de 2021 atingiu 14,9%, totalizando cerca de 14,8 milhões de pessoas desempregadas, o maior índice desde a crise de 2014 (PAINEL IBGE, 2021).

Em escala mundial, o cenário também não foi positivo. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a pandemia causou um forte impacto no mercado de trabalho em 2020, cerca de 255 milhões de pessoas perderam seus empregos, somando quase 9% das horas de trabalho globais em comparação com o ano anterior (OIT, 2020).

4. BALANÇA COMERCIAL

Conforme os parâmetros definidos pelo Banco Central (2019), a balança comercial é um indicador econômico que mede as transações de bens tangíveis que são resultados das atividades produtivas de um país, que regulamentam os direitos de propriedade, permitindo sua transferência por meio de transações internas ou externas. Dessa forma, divide-se a Balança comercial em duas variáveis: as importações e exportações de mercadorias (bens tangíveis).

A exportação da balança comercial consiste no envio de bens de um país para serem comercializados em mercados externos, sendo um dos principais mecanismos de participação nas dinâmicas do comércio internacional. De acordo com Krugman e Obstfeld (2006), exportar permite que o país se beneficie das suas vantagens comparativas ao se aperfeiçoar na produção de bens nos quais possui maior eficiência relativa, comercializando-os com países que não tem a capacidade de produção daquele bem. Ademais, para Rosseti (2010), além de favorecer a ampliação do mercado consumidor para as empresas nacionais, a exportação

também gera receitas em moeda estrangeira, essenciais para o equilíbrio macroeconômico.

Ao contrário da exportação, a importação em balança comercial é responsável pela entrada de bens estrangeiros no mercado nacional, com o intuito de atender as deficiências de produção local que por si só não conseguem atender plenamente às necessidades da população. A importação torna a disponibilidade de produtos possíveis para os países que não são eficientes na sua produção ou cuja produção nem mesmo existe, sendo assim um elemento essencial da política de desenvolvimento (ROSSETI,2010).

Segundo ainda o Banco Central (2019), a rubrica da balança comercial no balanço de pagamentos é elaborada com base nas estatísticas de comércio exterior, extraídas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) diante dos dados alfandegários recolhidos pelo Siscomex. Entretanto, esses dados são ainda ajustados pelo Banco Central com o propósito de melhorar e refletir com maior precisão as transferências internacionais.

A análise da balança comercial envolve dois aspectos fundamentais: o déficit e o superávit. Conforme Sandroni (2016), quando o valor total das importações ultrapassa o das exportações, o país se encontra em déficit comercial. Já quando ocorre a situação inversa, ou seja, as exportações superam as importações, o saldo é positivo, caracterizando um superávit na balança comercial.

4.1. Volume de exportações e importações mundiais

Entre os anos de 2019 e 2022, o comércio internacional passou por transformações importantes. Levando em consideração outras crises comerciais recentes, o declínio do comércio global foi comparável à crise financeira de 2008, e com desempenho inferior ao observado durante a recessão global de 2015, tendo como principal fator econômico e social, causados pela pandemia de COVID-19. A grave crise de 2020 foi consequência de restrições que paralisaram fronteiras e outras interrupções logísticas, seguidas por um declínio na demanda global, à medida que as crises sanitária e econômica se agravaram em nível mundial (KEY STATISTICS AND TRENDS, 2022).

Conforme estatísticas publicadas pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2023), o valor total das exportações

mundiais sofreu uma queda de US\$19 trilhões em 2019 para US\$17 trilhões em 2020, representando uma retração de aproximadamente 10,5%. As importações acompanharam essa tendência, caindo de US\$19,2 trilhões para US\$17 trilhões no mesmo período. Já em 2021 e 2022, o comércio internacional registrou forte recuperação, com crescimento de mais de 30% em 2021 e mais de 11% em 2022, superando os níveis pré-pandemia (UNCTAD, 2025).

Diante das mudanças causadas pela crise pandêmica, os consumidores de todo o mundo demonstraram mudanças significativas em seus hábitos. Com o início da paralisação e das incertezas, foi possível observar que a população optou por focar suas escolhas em bens essenciais, como alimentos, itens de higiene e medicamentos, e em contrapartida, diminuindo o consumo de produtos supérfluos e serviços não essenciais. Correlato a essa mudança de hábitos, houve uma acentuada troca de escolha para o comércio eletrônico, impulsionada principalmente pelas medidas de distanciamento social, o que acelerou a digitalização do varejo, inclusive em países em desenvolvimento (UNCTAD, 2025).

Apesar das expectativas iniciais pessimistas, que indicavam uma contração ainda mais acentuada no comércio global, foi notável a rápida recuperação já no final do ano de 2020. De acordo com dados apresentados no relatório da Key Statistics and Trends in International Trade (2022), foi possível analisar que em 2021, o valor global se recuperou de forma significativa, devido a forte recuperação da demanda global e também pelo aumento dos preços das commodities.

Ainda conforme o relatório apresentado pela Key Statistics and Trends in International Trade (2022), em 2019, considerado um período pré-pandêmico, o comércio internacional registrou um valor total de aproximadamente US\$25 bilhões. No ano seguinte, em 2020, houve uma diminuição de cerca de US\$2,5 bilhões no ano de 2020, como consequência das mudanças econômicas e sanitárias mencionadas anteriormente.

5. BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA PRÉ, DURANTE E PÓS PANDEMIA

Na presente etapa do estudo, procede-se à análise do comportamento da balança comercial brasileira no decurso de uma década, compreendendo o período de 2012 a 2022, com fundamento em dados oficiais extraídos da plataforma Comex

Stat e Faz Comex do Governo Federal. Além disso, serão examinados os resultados das exportações e importações ao longo do intervalo considerado, com a realização de um comparativo específico entre os anos de 2020 e 2021, em relação ao ano de 2019, de modo a avaliar os impactos da pandemia de COVID-19 na balança comercial brasileira. Ressalta-se que todos os valores apresentados estão expressos em bilhões de dólares *FOB (Free on Board)*. De acordo com o Comex do Brasil (2025), o termo *FOB* refere-se a uma modalidade de mensuração no comércio internacional na qual se considera o valor da mercadoria incluindo os custos de transporte até o local de embarque e os encargos de carregamento, mas sem considerar as despesas com frete internacional e seguro a partir do porto exportador. Dessa forma, essa metodologia é adotada para uniformizar os registros estatísticos e permitir uma comparação mais precisa dos fluxos comerciais entre países (Brasil, 2025).

Tabela 1: Balança comercial brasileira no período de 2012 a 2022, em US\$ Bilhões FOB.

Ano	Exportação	Importação	Saldo
2012	239.952,3	225.166,49	14.786,1
2013	232.544,2	241.500,8	-8.956,6
2014	220.923,2	230.823,01	-9.899,7
2015	186.782,3	173.104,2	13.678,09
2016	179.526,1	139.321,3	40.204,7
2017	214.988,1	158.95,4	56.036,6
2018	231.889,5	185.321,9	46.567,5
2019	221.126,8	185.927,9	35.198,8
2020	209.180,2	158.786,8	50.393,4
2021	280.814,5	219.408,04	61.406,5
2022	334.136,03	272.610,6	61.525,3

Fonte: ComexStat (2025).

A Tabela 1 apresenta a evolução da balança comercial brasileira entre 2012 e 2022, com foco nos efeitos da pandemia de COVID-19 no período de 2019 a 2021. Esse recorte evidencia tanto o impacto da crise global quanto a capacidade de recuperação do setor externo brasileiro.

No período de 2012 a 2018, a balança oscilou entre déficit e superávits modestos. Entre 2014 e 2016, a crise econômica e política interna levou à queda nas importações, elevando o saldo, mas sem sustentação real nas vendas externas.

A partir de 2017 observou-se estabilização macroeconômica e retomada gradual das exportações (MDIC, 2025).

Em 2019, o Brasil registrou exportações de US\$ 221,1 bilhões e importações de US\$ 185,9 bilhões, resultando em um superávit de US\$ 35,2 bilhões, um equilíbrio pré-pandemia impulsionado por demanda internacional estável e preços favoráveis das commodities (FAZCOMEX, 2020). No cenário global, esse montante representou aproximadamente 1,2 % das exportações mundiais e 1,0 % das importações globais de bens, considerando que o comércio internacional totalizou cerca de US\$19 trilhões em exportações e US\$19,1 trilhões em importações naquele ano. Essa participação consolidou o Brasil como 25.º maior exportador e 29.º maior importador de bens do mundo em 2019, com destaque para produtos como soja, minério de ferro e petróleo bruto (WTO, 2020).

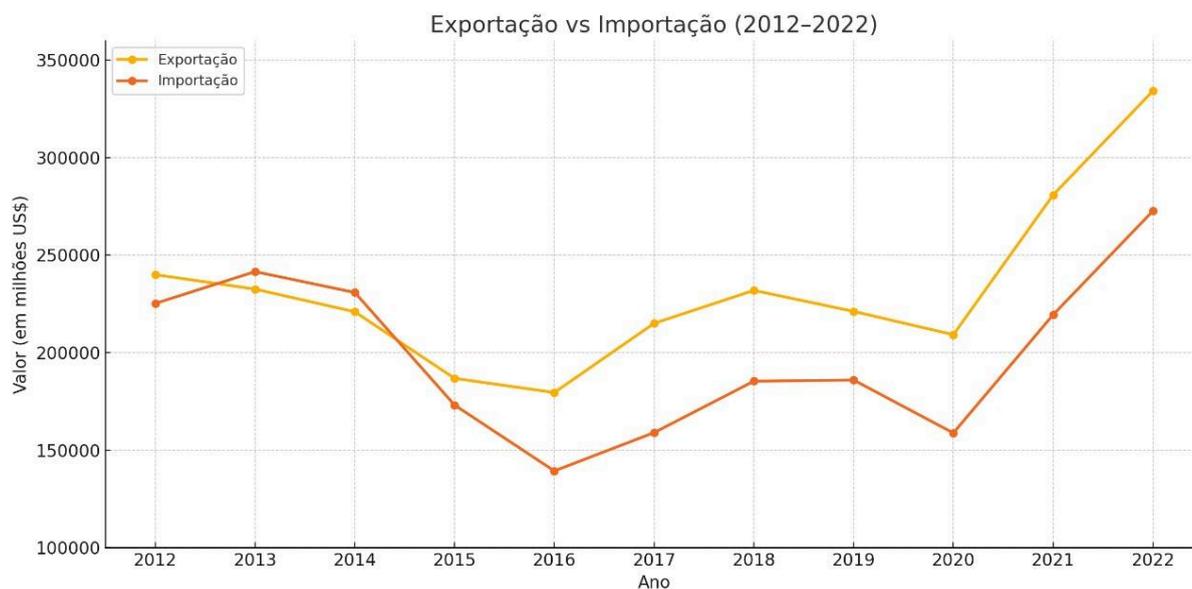
Com o avanço da pandemia em 2020, observou-se forte retração no comércio internacional: exportações caíram para US\$ 209,2 bilhões e importações para US\$ 158,8 bilhões, devido à desaceleração global e à desvalorização cambial. Ainda assim, o superávit elevou-se a US\$ 50,4 bilhões, cerca de 30 % a mais que em 2019 (MDIC, 2025). No entanto, percebe-se que o superávit na balança comercial foi impactado pela queda importante das importações, em função da desaceleração do nível de atividade econômica interna e outras restrições comerciais impostas pela pandemia, tais como barreiras sanitárias e interrupção da cadeia de suprimentos globais.

Em 2021, houve recuperação robusta: exportações de US\$ 280,8 bilhões (+34 %) e importações de US\$ 219,4 bilhões, impulsionadas pela valorização das commodities como minério de ferro, soja e petróleo. Registrou-se o maior superávit da série histórica, de US\$ 61,2 bilhões (FGV, 2025).

Em 2022, a retomada foi consolidada: exportações registradas em US\$334,1 bilhões e importações em US\$272,6 bilhões, resultando em superávit de US\$ 61,5 bilhões, o maior da série. Esse desempenho foi impulsionado por câmbio depreciado, alta demanda internacional por alimentos e minérios, e recuperação econômica dos parceiros comerciais (FAZCOMEX, 2025).

Em síntese, o triênio 2019 a 2021 marcou um ponto de inflexão na balança comercial brasileira, revelando os efeitos da pandemia e destacando o setor exportador como um dos motores de sustentação da economia diante de choques externos.

Gráfico 2: Evolução da Balança Comercial Brasileira (2012–2022), em bilhões de US\$.



Fonte: ComexStat (2025).

6. COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES POR SETOR NO BRASIL ENTRE 2012 E 2022

6.1. Desempenho das Exportações por setores

A tabela a seguir apresenta os valores das exportações dos principais setores da economia brasileira, em dólares FOB, no período de 2012 a 2022. No entanto, vale ressaltar que a análise desenvolvida, concentra-se especificamente nos anos de 2019, 2020 e 2021, com o intuito de observar os impactos da pandemia da Covid-19 sobre o desempenho do comércio exterior brasileiro nesse intervalo.

Tabela 2: Exportações, entre o período de 2012 a 2022, dos principais setores¹ em US\$ bilhões FOB.

Ano	Agropecuário	Indústria Extrativista	Indústria de Transformação	Outros
2012	33.512,2	54.435,9	145.553,5	6.450,7
2013	37.585,4	48.854,5	140.527,1	5.577,0
2014	37.284,5	45.581,5	132.508,3	5.548,8
2015	35.303,43	29.126,7	118.586,9	3.765,1
2016	31.178,9	26.621,5	118.777,5	2.948,0
2017	38.571,9	39.735,5	133.138,0	3.542,6
2018	45.697,3	49.598,1	133.326,5	3.267,5
2019	43.046,8	50.584,7	126.361,4	1.133,8
2020	45.154,5	49.051,8	114.072,6	901,3
2021	55.140,7	80.046,4	144.126,7	1.500,6
2022	74.787,0	76.199,4	181.401,1	1.748,3

Fonte: Comex Stat (2025).

¹Conforme a Classificação ISIC - *International Standard Industrial Classification of All Economic Activities*.

De acordo com os dados extraídos da plataforma Comex Stat (2025) e evidenciados na Tabela 2, entre os de 2012 e 2018, as exportações brasileiras registraram variações entre os maiores segmentos da economia. A Indústria de Transformação foi o segmento que manteve o maior peso em exportações a todo o longo da série, embora tenha tido uma queda entre os anos de 2013 (US\$ 205.867,0 bilhões) e de 2016 (US\$ 124.332,7 bilhões), demonstrou uma leve retomada em 2018 (US\$ 166.313,7 milhões). A Indústria Extrativa, por sua vez, apresentou queda até 2016, quando alcançou US\$7.998,9 bilhões, mas retomou o crescimento nos anos seguintes, encerrando 2018 com US\$12.429,6 bilhões. Já o setor agropecuário apresentou oscilações no período, registrando seu menor valor em 2015 (US\$3.667,0 bilhões) e recuperando-se nos anos seguintes, atingindo US\$4.181,5 bilhões em 2018. (COMEX STAT, 2025).

A redução das exportações em 2020, em comparação a 2019, pode ser compreendida a partir do desempenho setorial, conforme demonstrado na Tabela 2.

De acordo com dados da plataforma Comex Stat, do Governo Federal, a indústria de transformação apresentou uma retração de aproximadamente 9,72%, seguida pelo setor agropecuário, que cresceu cerca de 6%. Já a indústria extrativista registrou a menor variação negativa, com redução de 2,7%.

No setor agropecuário, os dados revelam variações tanto negativas quanto positivas nas exportações dos principais produtos. De acordo com a plataforma FazComex (2025), as quedas mais moderadas foram observadas no milho não moído, exceto milho doce com 17,7%, seguidas pelas exportações de pescado inteiro, vivo, morto ou refrigerado que apresentou queda de 26,9%, e de animais vivos, exceto pescados e crustáceos com diminuição de 32,9%. Em contrapartida, foi possível analisar um aumento nas exportações de café torrado, que cresceram 9,6%, de soja, com alta de 10,5%, e de algodão bruto, com elevação de 23,1%, em comparação ao ano de 2019 (FAZCOMEX, 2025).

No âmbito da indústria de transformação, dados disponibilizados pela plataforma FazComex (2025) indicam que houve queda nas exportações dos principais produtos do setor, com destaque para a celulose, cuja exportação apresentou queda de 19,1%; retração de 39,9% em aeronaves e outros equipamentos de transporte e, de forma particularmente expressiva, plataformas, embarcações e demais estruturas flutuantes, cuja retração alcançou 98,1%.

Em última análise, seguindo os dados da plataforma FazComex (2025) a indústria extrativa teve os desempenhos das exportações com oscilações importantes em 2020. Entre os recuos maiores, figuram os óleos brutos de petróleo ou de betuminosos crus, com contração de 18,9%, seguidos dos minérios e concentrados de metais de base com queda de 23,5% e dos minérios de alumínio e seus concentrados, cuja retração foi de 33,8%. Já alguns grupos tiveram crescimento, tais como os minérios de cobre e seus concentrados com alta de 4,4% e os minérios de ferro com 14,3%. Por fim, os minérios de níquel e seus concentrados tiveram um avanço expressivo, com crescimento de 713,2% das exportações (FAZCOMEX, 2025).

Em comparação com 2020, o ano de 2021 apresentou crescimento nos três setores indicados na Tabela 2. Em relação ao setor da indústria extrativa, houve um aumento de 62,4%, com destaque para o minério de ferro, que teve alta de 72,9%, e o petróleo, que registrou um crescimento de 54,3%. Vale ressaltar que o minério de

ferro gerou um valor FOB de US\$42,2 bilhões, e os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, cru, totalizaram US\$27,4 bilhões. (FAZCOMEX, 2025)

No setor da indústria de transformação, registou-se um crescimento de 26,3% nas exportações, com destaque para o aço semiacabado, que apresentou um expressivo aumento de 101,3% (FAZCOMEX, 2025).

Em relação ao setor agropecuário, observou-se um aumento de 22,2%, com destaque para a soja, que apresentou crescimento de 35,3% em relação ao ano anterior, alcançando um valor FOB de US\$37,3 bilhões (FAZCOMEX, 2025). De acordo com Mohamad et al. (2020), vale ressaltar que as frutas também impulsionaram o setor, que atingiu uma marca histórica de exportações, com US\$1 bilhão e 1,24 milhão de toneladas exportadas em 2021. Ainda de acordo com os autores, a manga foi a fruta mais exportada, com um aumento de 12% em relação a 2020. Esse crescimento pode estar relacionado às mudanças de comportamento da população durante a pandemia de COVID-19, quando muitas pessoas passaram a repensar seus hábitos alimentares durante o confinamento.

6.2. Desempenho das importações por setores

A tabela a seguir reúne os dados referentes às importações dos principais setores da economia brasileira, expressos em dólares FOB, no intervalo de 2012 a 2022. Ainda assim, cabe destacar que este estudo direciona sua atenção aos anos de 2019, 2020 e 2021, com o propósito de analisar os impactos provocados pela pandemia da Covid-19 sobre o desempenho das importações brasileiras nesse período.

Tabela 3: Importações, entre o período de 2012 a 2022, dos principais setores em US\$ Bilhões FOB.

Ano	Agropecuário	Indústria Extrativista	Indústria de Transformação	Outros
2012	4.877,5	22.818,1	194.941,0	2.529,6
2013	5.769,3	27.442,9	205.867,0	2.421,5
2014	5.024,0	26.482,1	196.969,6	2.347,0
2015	3.667,0	16.356,3	150.909,7	2.171,2
2016	4.879,1	7.998,9	124.332,7	2.110,6
2017	4.208,9	9.639,6	142.923,6	2.179,3
2018	4.181,5	12.429,6	166.313,7	2.397,1
2019	4.317,7	11.112,2	146.157,8	2.093,9
2020	4.116,9	6.482,8	168.404,2	2.029,4
2021	5.360,5	12.987,0	197.425,3	3.635,2
2022	5.696,8	22.051,3	242.537,4	2.325,0

Fonte: Comex Stat (2025).

Entre os anos de 2012 a 2018, as importações brasileiras apresentaram variações entre os diferentes setores econômicos. De acordo com a plataforma Comex Stat e a tabela 3, a Indústria de Transformação se manteve como o principal setor importador, com valores expressivos ao longo de todo o período, embora tenha registrado uma queda acentuada de US\$ 205.867,0 bilhões em 2013 para US\$ 124.332,7 bilhões em 2016, seguido de uma recuperação parcial nos anos subsequentes, atingindo US\$ 166.313,7 bilhões em 2018.

Já a Indústria Extrativista apresentou comportamento oscilante, iniciando o período com US\$ 22.818,1 bilhões em 2012, sofrendo uma redução expressiva até 2016, quando registrou o menor valor (US\$ 7.998,9 bilhões), e voltou a crescer, alcançando US\$ 12.429,6 bilhões em 2018. Por último, o setor Agropecuário manteve certa estabilidade, com valores variando entre US\$3.667,0 bilhões e US\$5.769,3 bilhões, sendo o menor registrado em 2015 e o maior em 2013 (COMEX STAT, 2025).

Em relação às importações por setor no ano de 2020, com base nos dados da Tabela 3 e em consonância com os relatórios da plataforma FazComex(2025), observou-se uma retração geral em comparação a 2019. A Agricultura registrou uma queda de 3,9%, totalizando aproximadamente US\$4,12 bilhões; a Indústria Extrativa apresentou a maior retração percentual, com uma redução de 41,2%, alcançando aproximadamente US\$ 6,48 bilhões; já a Indústria de Transformação teve uma queda de 7,7%, com importações somando aproximadamente US\$ 141 bilhões no valor total das importações em 2020 (FAZCOMEX, 2025).

O desempenho negativo dos três setores foi determinante para a redução das importações em 2020. De acordo com relatórios da FAZCOMEX(2025) possível observar, portanto, que a queda no setor agropecuário foi influenciada pela diminuição de 30,2% nas compras de pescado inteiro, vivo, morto ou refrigerado; uma retração de 9,2% nas importações de trigo e centeio, não moídos; e uma queda de 25,2% na aquisição de látex, borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle e outras gomas naturais.

No Âmbito da Indústria Extrativista, observa-se uma retração de 43,6% em carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado; 43,4% em Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos e crus, e de 38% em gás natural, liquefeito ou não. No setor da Indústria de Transformação, partes e acessórios dos veículos automotivos culminaram em uma queda de 36,5%, devido ao lockdown na China, uma das principais exportadoras de autopeças do país.

De acordo com dados consolidados da Secretaria do Comércio Exterior (2025), as importações do setor agrícola cresceram 30% em 2021, em comparação com 2020, representando 2,44% do total das importações do país. Entre os principais produtos importados, destacam-se o trigo e o centeio não moídos, que corresponderam a 31% das importações do setor, seguidos pelo milho não moído (exceto milho doce), com 14%, e pelo pescado inteiro (vivo, morto ou refrigerado), com 11%.

No setor da indústria extrativa, notou-se um aumento de 20% nas importações, impulsionado principalmente pela elevação na entrada de gás natural, que representou 36% das importações do setor, na sequência, destacam-se os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos crus, com 31%, e o carvão (mesmo em pó, mas não aglomerado), com participação de 21%.

Por último, a Indústria de transformação foi a que obteve mais destaque, totalizando 90% das importações e mostrando um crescimento de 13%, em comparação ao ano de 2020, tendo os principais produtos importados: adubos ou fertilizantes que representaram uma valor FOB de US\$ 13,4 bilhões, seguido de óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos que arrecadaram US\$ 12,1 bilhões

7. PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NOS ANOS DE 2019, 2020 E 2021

A tabela a seguir apresenta o desempenho da balança comercial brasileira com seus principais parceiros comerciais, entre eles China, Estados Unidos, Argentina, União Europeia e América do Sul, ao longo dos anos de 2019, 2020 e 2021. Os dados incluem os valores de exportações, importações e o saldo comercial, expressos em dólares FOB. A análise desses mercados é fundamental para compreender os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o comércio exterior brasileiro, considerando a relevância estratégica dessas regiões para a economia nacional.

Tabela 4: Principais destinos das exportações brasileiras nos anos de 2019, 2020 e 2021, em US\$ Bilhões FOB.

	Ano	Exportações Valor FOB(US\$)	Importações Valor FOB(US\$)	Saldo Valor FOB(US\$)
China	2019	63.357.523.149	47.650.945.510	40.256.942.346
	2020	67.788.075.211	34.778.441.387	33.009.633.824
	2021	87.907.887.856	47.650.945.510	40.256.942.346
Estados Unidos	2019	29.715.896.624	34.774.253.640	-5.058.357.016
	2020	21.471.033.994	27.875.749.399	-6.404.715.405
	2021	31.145.209.269	39.385.250.785	-8.240.041.516
Argentina	2019	9.791.499.854	10.650.947.790	-859.447.936
	2020	8.488.738.068	7.897.095.769	591.642.299
	2021	11.878.463.042	11.948.896.309	-70.433.267
Países baixos(Holanda)	2019	7.159.159.102	2.173.812.490	4.985.346.612
	2020	6.704.999.994	1.385.096.580	5.319.903.414
	2021	9.316.019.600	2.101.740.064	7.214.279.536
União Europeia	2019	29.967.690.588	34.942.675.793	-4.974.985.205
	2020	27.641.550.057	30.318.200.904	-2.676.650.847
	2021	36.533.049.938	38.262.030.058	-1.728.980.120
América do Sul	2019	27.951.861.987	22.257.624.237	5.694.237.750
	2020	22.658.977.282	18.179.810.557	4.479.166.725
	2021	34.052.280.135	26.617.176.909	7.435.103.226

Fonte: ComexStat (2025).

Conforme os dados apresentados na Tabela 4, e em alinhamento com as informações disponibilizadas pela plataforma ComexStat, os principais destinos de exportação do Brasil foram China, Estados Unidos, Argentina e Holanda, que mesmo diante aos danos causados pela Covid- 19 mantiveram-se inalterados.

Diante do cenário negativo que o mundo enfrentava, foi possível notar que o superávit registrado na balança comercial brasileira em 2020 foi fortemente influenciado pela rápida recuperação econômica da China e por sua expressiva

participação nas exportações e importações do Brasil. De acordo com o indicador anual da balança comercial de 2020, elaborado pelo IBRE/FGV (2021), a China contribuiu com mais de US\$33 bilhões para o saldo positivo da balança comercial brasileira, enquanto a contribuição dos Estados Unidos e União Europeia foi menor do que a dos países sul americanos.

Conforme os dados apresentados na Tabela 4 e em consonância com informações da Secretaria de Comércio Exterior (MDIC, 2025), verifica-se que, entre 2019 e 2020, a China elevou sua participação nas trocas comerciais de commodities com o Brasil, tanto no que se refere às exportações quanto às importações, resultando em 32,4% do total das exportações brasileiras e 21,9% das importações, comparado a 28,7% e 19,4% em 2019. Isto se deu pelo ritmo acelerado de sua recuperação da pandemia da Covid-19(MDIC, 2025).

Em sentido oposto ao desempenho chinês, a União Europeia apresentou retração nas transações comerciais com o Brasil em 2020, tanto no âmbito das importações, quanto das exportações, quando comparado ao ano de 2019. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (2022), de maneira similar, os Estados Unidos, enquanto parceiro estratégico do comércio exterior brasileiro, também registraram redução em sua participação nas trocas comerciais com o país, respondendo por apenas 10,3% do total das exportações brasileiras e 17,6% das importações naquele ano. Nesse mesmo cenário, a Argentina igualmente evidenciou queda em relação a 2019, correspondendo a 4,1% do total exportado pelo Brasil e a 5% das importações.

No que se refere ao ano de 2021, conforme os dados apresentados na Tabela 4, a China permaneceu na liderança entre os principais parceiros comerciais do Brasil, sendo responsável por 31,3% do total exportado e 21,8% do volume importado pelo país. Na sequência, destacam-se os Estados Unidos, com representatividade de 11,1% nas exportações brasileiras e 18% nas importações, seguidos pela Argentina, cuja participação foi de 4,23% nas vendas externas e 5,45% nas compras internacionais do Brasil, de acordo com os dados do ComexStat (2025).

Seguindo essa mesma perspectiva, cabe destacar que a Argentina apresentou um acréscimo de 45,4% em sua participação nas exportações e importações do Brasil em relação a 2020. Os Estados Unidos também registraram crescimento, com elevação de 42,9% nas trocas comerciais. No caso da China, o

aumento foi de 32,2%, enquanto a União Europeia apresentou variação positiva de 21,5%, conforme os dados fornecidos pelo ComexStat.

Por fim, embora os efeitos adversos da pandemia de Covid-19 ainda tenham sido sentidos ao longo de 2021, o cenário para o comércio exterior brasileiro apresentou sinais de recuperação. Tanto as exportações quanto as importações registraram crescimento nos principais parceiros comerciais do Brasil, conforme demonstrado na Tabela 4.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os impactos da pandemia de Covid-19 sobre a balança comercial brasileira nos períodos pré, durante e pós-pandemia no curto prazo, por meio de um comparativo entre os respectivos anos de 2019, 2020 e 2021. A utilização do método de análise descritiva, possibilitou observar que, mesmo em um cenário de incertezas na economia mundial, o saldo da balança comercial brasileira manteve-se positivo ao longo dos três anos analisados. Em 2019, o superávit registrado foi de US\$35.198,8 milhões; em 2020, alcançou US\$50.393,4 milhões; e, em 2021, atingiu US\$61.406,5 milhões, evidenciando um crescimento gradual no período.

Dessa forma, foi possível analisar que, apesar de expectativas negativas, o resultado da balança comercial brasileira durante o período da pandemia da Covid-19 (2020 e 2021), superou positivamente o resultado de 2019, ano que antecedeu a crise sanitária. Esse resultado deve-se, em grande parte, à rápida recuperação econômica da China, a principal parceira comercial do Brasil que, já em 2020, impulsionou a demanda por *commodities* brasileiras que representam uma parcela significativa das exportações, contribuindo diretamente para o superávit de US\$33 bilhões registrado na balança comercial brasileira naquele ano.

Entre as limitações do trabalho destaca-se o curto período de tempo analisado e as instabilidades das plataformas do Governo Federal. Trabalhos futuros podem expandir os efeitos a longo prazo da Covid-19 na Balança Comercial brasileira e em outras variáveis macroeconômicas. Além disso, destaca-se a relevância da capacidade produtiva nacional no setor de commodities, resultado de

investimentos contínuos em ciência e tecnologia, como um aspecto que pode ser explorado de forma mais aprofundada em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Com serviços afetados pela pandemia, PIB de 2020 cai 3,3%. Agência IBGE Notícias, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35349-com-servicos-afetados-pela-pandemia-pib-de-2020-cai-3-3> Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

BANCO CENTRAL. Balança Comercial-Balança de pagamentos-mensal-saldo. **Banco Central**, 2025. Disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/22707-balanca-comercial---balanco-de-pagamentos---mensal---saldo> Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Glossário ComexStat. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/glossario>. Acesso em: 5 jul. 2025.

COMEXSTAT. Balança Comercial Dados estatísticos. **COMEXSTAT, 2025**. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/127728> Acesso em 4 de junho de 2025.

COMEXSTAT. Exportação e Importação por setor Dados estatísticos. **COMEXSTAT, 2025** Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral> Acesso em 04 de junho de 2025.

COSTA,V. A grande depressão de 1929 e a grande recessão de 2008 comparadas: uma análise quanto ao papel do estado. XXXI SIC, Anais... Rio Grande do Sul, 2019.

FAZCOMEX. Entenda mais sobre os dados da balança comercial de 2020. FAZCOMEX, 2025. Disponível em :

<https://www.fazcomex.com.br/comex/balanca-comercial-de-2020/> . Acesso em: 04 de junho de 2025.

FAZCOMEX. Veja os dados da balança comercial em 2021. FAZCOMEX, 2025. Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/comex/balanca-comercial-2021/> . Acesso em 07 de junho de 2025.

FGV IBRE. Desempenho da economia brasileira nos últimos oito quadriênios (1987-2018). FGV IBRE, 2021. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/desempenho-da-economia-brasileira-nos-ultimos-oito-quadrienios-1987-2018> : Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.

FGV IBRE. Balança comercial registrou em 2021 o maior superávit da sua série histórica. FGV IBRE, 2022. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/noticias/balanca-comercial-registrou-em-2021-o-maior-supervit-da-sua-serie-historica> . Acesso em 06 de junho de 2025.

HEINEN, V; MATTEI, L. **Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. Revista de Economia Política**, v 40, n.4, 2020.

KEY STATISTICS AND TRENDS. Key statistics and trends in international trade 2022. Key Statistics and Trends, 2022. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab2023d1_en.pdf Acesso em 4 de maio de 2025.

KRUGMAN, P.; OBSTFELD, M. Economia internacional: teoria e política. São Paulo: Pearson, 2006.

OIT. Recuperação incerta e desigual é esperada após crise sem precedentes no mercado de trabalho. OIT, 2021. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/oit-recupera%C3%A7%C3%A3o-incerta-e-de-sigual-%C3%A9-esperada-ap%C3%B3s-crise-sem-precedentes-no> : Acesso em 21 de abril de 2025.

OPAS. Histórico da emergência internacional de COVID-19. **Opas**, 2025. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19#:~:text=Em%2030%20de%20janeiro%20de,previsto%20no%20Regulamento%20Sanit%C3%A1rio%20Internacional>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

ROSSETTI, J. P. Introdução à economia. São Paulo: Atlas, 2016.

SANDRONI, P. **Dicionário da Economia do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SECRETARIA DO COMÉRCIO EXTERIOR. Balança Comercial Preliminar Parcial. Secretaria do Comércio Exterior, 2025. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/pg_principal_bc/principais_resultados.html. Acesso em: 07 de junho de 2025.

SILVA. M; SILVA. R. Economia brasileira, pré, durante e pós pandemia do Covid- 19: Impactos e Reflexões. Observatório Socioeconômico da COVID-19. **Anais...** Santa Maria, 2020.

TRECE, J. Pandemia de Covid-19 no Brasil: **Primeiros Impactos sobre agregados macroeconômicos e comércio exterior**. Brasília: Boletim de Economia e Política Internacional n. 27, 2020.

UNCTAD. Handbook of Statistics 2023. **UNCTAD**, 2023. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/tdstat48_FS01_en.pdf Acesso em: 01 maio 2025.

WORLD TRADE ORGANIZATION. World Trade Statistical Review 2020. Genebra: **WTO Publications, 2020**. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/wts2020_e/wts2020_e.pdf. Acesso em: 08 jun. 2025.